

## **Os Embruxados de Susano Correia: Os Tipos de Mensagens Presentes no Aforismo Visual<sup>1</sup>**

Jônatas Pereira do Nascimento ROSA<sup>2</sup>

Iury Parente ARAGÃO<sup>3</sup>

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

### **RESUMO**

O presente artigo analisa um aforismo visual do artista Susano Correia, que publica seus desenhos através das redes sociais na internet. O desenho selecionado faz uma representação do vazio humano; assim, buscamos compreender de que forma o artista constrói esse vazio a partir da mensagem visual do desenho. O objetivo é identificar como a arte de Correia destoa da atmosfera rasa e veloz do espaço digital, promovendo um olhar reflexivo para o interior humano. Como metodologia, utilizamos o método de análise da imagem proposto por Martine Joly e as contribuições de Jacques Aumont para pensar a imagem enquanto analogia. Verificamos que o principal intuito do aforismo visual é tocar na subjetividade do espectador, fazê-lo refletir e produzir interpretações acerca de um vazio existencial que toma o homem contemporâneo.

**PALAVRAS-CHAVE:** mensagem visual; aforismo visual; Susano Correia.

### **1. Introdução**

Em 1924 surgiu oficialmente na França, durante o período de recuperação do pós-guerra, o movimento literário e artístico moderno chamado “Surrealismo”. Influenciado pelos estudos de psicanálise de Freud, o movimento deu livre curso às ideias do pensamento, valorizando o inconsciente e instigando no homem uma visão totalmente introspectiva de si que se propunha a criticar a cultura europeia e a frágil condição humana diante de um mundo cada vez mais complexo (GARCEZ; RUDGE, 2010).

Para os surrealistas, a arte precisava romper com os limites da razão, provocando criações mais significativas, mais vibrantes ou espontâneas, “vindas de um núcleo da psique profundamente misterioso, inexplorado e fecundo” (BORGES, 2017, p. 85). Nesse

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Graduando do curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da UNEB. E-mail: jonataspereiradonascimento@gmail.com

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da UNEB. E-mail: iuryuneb@gmail.com

---

sentido, a obra de Susano Correia, artista visual formado pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), ao fazer uso de seres fantásticos marcados por questões existenciais, consegue evocar traços desse movimento.

Em sua série de textos ensaísticos, onde narra o processo de criação das obras, Correia (2016) aponta que alguns dos pintores que o fascinam, sobretudo “pela força significativa” e estilo, são surrealistas. Foi uma gravura de Salvador Dalí que influenciou de maneira expressiva a sua série de desenhos, gravuras e pinturas, intitulada “Embruxados”. A ideia de Francis Bacon, de que a pintura deve atingir diretamente o sistema nervoso, se tornou algo essencial para a obra de Susano, revestida de um tom melancólico e sombrio.

Adotando um estilo figurativo, sua série “Embruxados” compõe formas que descaracterizam o ser humano. Os seres criados pelo artista são magros, pontiagudos, trágicos e nunca olham diretamente para o espectador, estão ou olhando para os lados, para cima ou para baixo, na diagonal ou para dentro de si. Como se estivessem perdidos ou num profundo processo de introspecção.

O conceito “embruxado” parte da inspiração no folclorista, gravurista, antropólogo e escritor brasileiro Franklin Cascaes. Susano explica que Cascaes, pesquisador de lendas locais de Florianópolis e escritor de histórias sobre bruxas, começou a se referir às mudanças suscitadas na cidade de Florianópolis que com seu crescimento passou a diluir a cultura local, como uma cidade “embruxada”. Como se estivesse tomada por algo maligno, amaldiçoada (MASCARENHAS, 2019). Correia se apropria do conceito para pensar os embruxamentos psicológicos do ser humano. “Então, eu fui caçando embruxamentos por meio de uma adaptação do termo **embruxado** às questões psicológicas do indivíduo” (MASCARENHAS, 2019, p. 58, grifo do autor).

Sua arte está preocupada em representar alegoricamente os sentimentos profundos que compõem o interior humano. De acordo com o artista, em entrevista a Redação do *Nossa Santa Catarina* (2016), a pequena parte da mente à qual as pessoas podem ter acesso não passa de um feixe de luz numa imensidão escura. Na visão de Correia, somos habitados por “criaturas” em lugares que não podemos ver, mas que ainda dizem respeito a nós, compondo uma parte “misteriosa e ativa” da psique que se manifesta nas lacunas da razão e influencia no trajeto do pensamento. Nisso, seus desenhos têm ar de psicanálise.

O psiquiatra e psicanalista Cláudio Rossi (2009) esclarece que a arte da psicanálise consiste na capacidade de compartilhar espaços mentais secretos e proibidos, de maneiras

aceitáveis pela civilização, de forma que amplie as potencialidades dos participantes e torne suas vidas mais criativas, com a produção de novos sentidos. Susano utiliza de caneta e grafite para dar vazão a sentimentos e pensamentos profundos que inquietam seu contingente psicológico. Parte de uma escrita de si, para descobrir, após começar fazer análise, que seu trabalho deixa de ser apenas sobre si, ganhando um caráter mais introspectivo e dialógico. Conseguindo exprimir a capacidade, que, segundo Rossi (2009), os artistas têm de compartilhar com o outro seu mundo interno, sua maneira de perceber a vida permitindo o alargamento do mundo interno daqueles que entrem em contato com suas obras.

Susano Correia defende que a internet é o espaço ideal para que os outros entrem em contato com sua obra. O artista faz uso do facebook, instagram, twitter, blogs e youtube, pois acredita que essas mídias democratizam o acesso à arte, posto que, por vezes, o espaço do museu possui um caráter distante e inacessível que impede muitos indivíduos, principalmente aqueles em locais periféricos, de entrar em contato com a arte que tem o poder de provocar emoções e reflexões. Assim, Correia produz constantemente desenhos para não ter sua relevância diminuída devido os algoritmos das redes sociais na internet. Entre as mídias em que publica suas artes, é possível perceber que o instagram tem um grande destaque, com um grande número de “aforismos visuais”. O artista considera seus desenhos como aforismos, máximas que determinam um pensamento ou sentimento, que carregam sentenças filosóficas e reflexões (DIOGO, 2016).

Em uma rede social como o instagram, caracterizada pelo excesso de imagens, selfies, de rostos que transparecem felicidade e perfeição, os aforismos visuais de Susano Correia quebram com o tom superficial das faces expostas. Segundo Byung-Chul Han (2017, p. 9), vivemos hoje em uma sociedade da transparência e “as coisas se tornam transparentes quando eliminam de si toda e qualquer negatividade, quando se tornam *rasas e planas*, quando se encaixam sem qualquer resistência ao curso raso do capital, da comunicação e da informação” (grifo do autor). De modo que as imagens também se tornaram transparentes, deixando de lado seu valor cultural para dar lugar a seu valor expositivo.

As imagens perdem sua dramaturgia, sua cenografia, coreografia, são despojadas de toda profundidade e sentido, tornam-se, como esclarece Han (2017), “pornográficas”, o contato imediato entre imagem e olho. A sociedade da transparência não admite a negatividade, a potência para não fazer, para dizer não, é uma sociedade positiva, do sim,

do consumo, do discurso motivacional. Qualquer sentimento negativo é descartado. “Desse modo, esquecemos como se lida com o sofrimento, com a dor, esquecemos como dar-lhes *forma*” (HAN, 2017, p. 18, grifo do autor).

É nesse cenário que a obra de Susano se insere, um cenário de exposição exacerbada e narcísica, de aparente felicidade e ainda que faça uso do valor expositivo, se distanciando do valor cultural, sua obra se faz importante por representar aquilo que ocultamos do *feed* do instagram. Suas imagens dão forma a sentimentos profundos e comuns à existência humana. Sentimentos como a solidão, a dúvida, o vazio, a angústia, o tédio, o desespero e o afeto. Falam de sentimentos negativos, como o próprio Correia diz ao citar o conceito de embruxamento, falam de nossos fantasmas, demônios e bruxas.

Aqui, pretendemos analisar a mensagem visual de um dos aforismos visuais de Susano Correia, chamado “todos a bordo do meu vazio”. Movidos pela seguinte questão: como o artista constrói através dos elementos constituintes da mensagem visual uma representação do vazio humano? Para assim identificar como a arte de Correia destoa da atmosfera do espaço digital onde é veiculada, promovendo uma abertura para dentro, para o interior humano.

## 2. Perspectivas teóricas para análise da imagem

O termo imagem possui uma diversidade de significações. Segundo Martine Joly (2005, p. 27), o termo já foi utilizado de tantas maneiras que é possível compará-lo a Proteu, um dos deuses do mar que “tinha o poder de assumir todas as formas que desejasse”. Como Proteu, a imagem parece “ser tudo e seu contrário”: visual e imaterial, fabricada e “natural”, real e virtual, móvel e imóvel, sagrada e profana, analógica, comparativa, convencional, expressiva e comunicativa.

Ainda que existam essas diferentes significações, Joly (2005, p. 38) conseguiu identificar um ponto comum para a palavra imagem: o da analogia. “Uma ‘imagem’ é antes de mais nada *algo que se assemelha a outra coisa*” (grifo do autor). A imagem pertence a categoria das representações. De acordo com Joly (2005), se a imagem parece é porque ela não é a coisa de fato: sua função, então, seria evocar, querer dizer outra coisa que não ela própria. De modo que perceber a imagem como representação é percebê-la como signo analógico, sendo a semelhança o seu princípio de funcionamento.

---

Para Jacques Aumont (1995), a analogia nunca está ausente da imagem representativa, contudo, existem “graus de analogia”. Essa expressão é tirada de um artigo de Christian Metz, para o qual a analogia é codificada, determinada culturalmente de A a Z. Aumont (1995, p. 206) explica que, para Metz, trata-se sobretudo, “de ressaltar que toda imagem, por mais ‘perfeitamente’ analógica que seja, é utilizada e compreendida em virtude de convenções sociais que se baseiam em última instância, na existência da linguagem”. Dessa forma, entende-se a analogia como uma construção.

No entanto, Aumont (1995) problematiza a noção de código utilizada por Metz, preferindo designar para a ideia de que a analogia é uma construção, executada em etapas e utilizada de maneira convencional, a noção de índice. Índices de analogia dizem respeito a todos os elementos da imagem que participam da construção do conjunto. São produzidos, postos em imagens para serem percebidos, logo, tornando-se “índices perceptivos” (p. 206). Aumont (1995) sustenta que é quase impossível oferecer uma lista desses índices, ainda assim, ele observa que é possível encontrar em uma imagem desde índices espaciais, estáticos como a perspectiva, dinâmicos como a paralaxe do movimento, a índices que levam em conta a luz, a cor, a expressão da matéria etc.

Encontramos ideia semelhante em Joly (2005), ao recapitular a metodologia proposta por Roland Barthes. O método instalado pelo autor partia de significados para encontrar significantes, logo, os signos que compõem uma imagem, estes variando entre signos linguísticos, icônicos e plásticos. Assim, Joly (2005, p. 51), que trabalha sobre um determinado tipo de imagem, as mensagens visuais fixas, desenvolveu a metodologia de Barthes para descobrir a mensagem implícita de qualquer mensagem visual, fazendo o caminho inverso: “enumerar sistematicamente os diversos tipos de significantes copresentes na mensagem visual e fazer com que eles correspondam os significados que lembram por convenção ou hábito”.

Desse modo, podemos encontrar três tipos de mensagens na mensagem visual: a mensagem plástica, a mensagem icônica e a mensagem linguística. A mensagem plástica é composta por signos plásticos, os quais são: o suporte no qual a imagem é veiculada; o quadro, uma espécie de moldura que põe limites físicos a representação visual; o enquadramento que corresponde ao tamanho da imagem; a composição que é a geografia interior da mensagem visual, responsável por direcionar o olhar para informações-chave; as formas; as cores, a iluminação e a textura (JOLY, 2005).

---

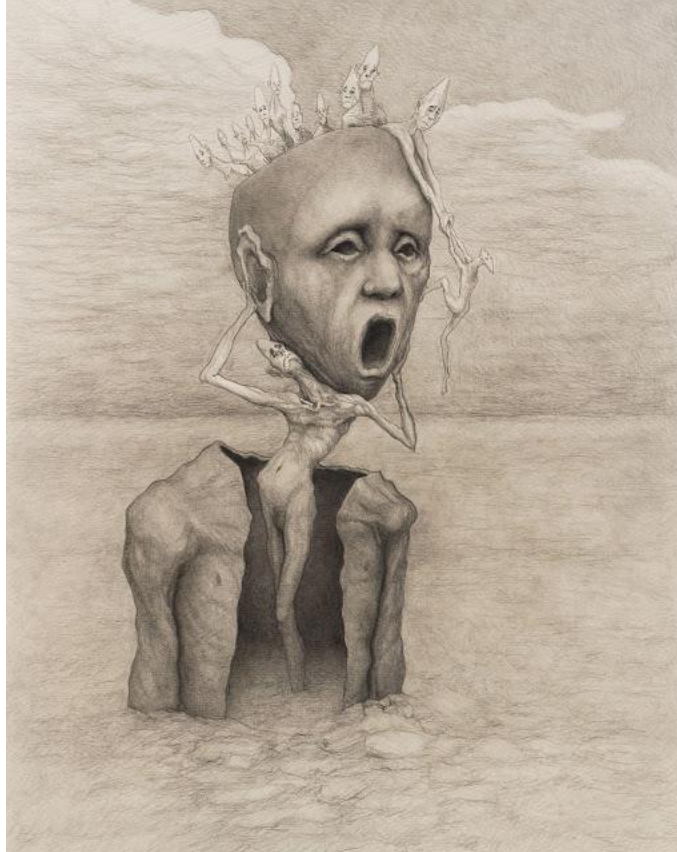
A mensagem icônica é composta por signos figurativos que possuem semelhanças com os objetos representados. Os signos icônicos possuem assim, motivos reconhecíveis. A interpretação desses signos depende do saber do espectador, já que um motivo é “carregado por conotadores de diversas ordens: usos socioculturais do objeto, dos lugares ou das posturas; citação e autoreferência, figuras de retórica” (JOLY, 2005, p. 108).

Por último, Joly (2005) volta-se para a análise da mensagem linguística. Como a imagem é polissêmica e possui um grande número de informações, isso acaba gerando inúmeros sentidos e interpretações, necessitando de uma orientação para a leitura da imagem. Joly menciona Barthes, o qual explica que a mensagem linguística é responsável por orientar a análise de uma imagem, com duas características principais: a ancoragem, que restringe o sentido da imagem e a quantidade de interpretações diferentes; e o revezamento, que compreendendo a impossibilidade da imagem dizer tudo, que em si só ela não é suficiente, a complementa, a reveza.

Ao fazermos a análise de cada uma dessas mensagens e adquirirmos a percepção da interação entre elas, isso permiti-nos detectar a mensagem implícita global do anúncio (JOLY, 2005). Assim, valemo-nos da metodologia de Joly e das contribuições de Aumont, para pensar a mensagem implícita do aforismo visual de Susano Correia.

### **3. Análise da imagem**

A imagem em análise tem como suporte o instagram, um tipo de rede social na internet que permite publicar imagens com alcance global e um dinamismo que possibilita a interação com o público através de comentários e hashtags. A imagem selecionada é um desenho veiculado na conta @susanocorreia que conta com quase 180 mil seguidores, alcançando um público de diversas idades. Intitulado “todos a bordo do meu vazio”, o desenho é uma das obras mais expressivas do autor, que transforma seus melhores trabalhos em pintura, a exemplo deste. Há na imagem, em suas formas trágicas, algo que prende a atenção e gera identificação. Nela, vemos um grupo de figuras magérrimas e agudas, com expressões de apatia no rosto, sofrimento e cansaço na postura dos corpos que possuem fissuras, vazios, afundando no chão. Induziu a nossa escolha da imagem, a profundidade com que o artista representa um vazio próprio a nosso tempo, dotando-a de um caráter reflexivo e atual.



### 3.1 Mensagem plástica

A figura possui moldura limitando a representação visual, não sabemos o que há além do que nos é mostrado, tampouco isso gera frustração, pois conseguimos ver os corpos dos embruxados que logo chamam a atenção do olhar devido à característica singular de suas formas. As formas do aforismo visual de Susano Correia são pontiagudas. A cabeça dos embruxados, desenhadas em formato de cone, lembram o chapéu pontudo de uma bruxa que histórias clássicas e populares foram responsáveis por construir no imaginário humano. O que lança à imagem o ar de um ser que lembra a forma humana, mas também algo primitivo. Os braços e as pernas das criaturas são finos, longos e muito magros, permitindo ver o contorno dos ossos das criaturas embruxadas, como se não estivessem bem e padecessem de alguma enfermidade. Essas formas agudas indicam um corpo intenso, tomado por uma tensão de sentimentos que cortam, penetram. Um ser em demasia, povoado por questões que desordenam seu contingente psicológico, causando perturbação.

---

O enquadramento do objeto em questão é fechado, o que dá uma sensação de certa proximidade, porém, não é muito apertado, permitindo ver o espaço terrestre em que os embruxados estão com os pés fincados e uma paisagem horizontal ao fundo que remete ao céu. Olhamos para o desenho como diante de uma pintura, porém, em alerta, incomodados pelas formas estranhas que compõem a imagem e com a paisagem de fundo que parece um deserto, um lugar árido, sufocante.

Com relação à composição, a geografia interior do desenho, temos muitos corpos na posição vertical, cada um necessitando que o olhar se demore. Todavia, o olhar é puxado, atraído para a grande cabeça presente na imagem, devido à expressão do seu rosto. Uma expressão absurda, em agonia, causando uma impressão de inquietação em quem olha. A cabeça separada do seu corpo está em posição central, no alto, sustentada por um outro corpo magérrimo que tem seus pés afundados em um chão rachado, dentro de um tronco humano sem cabeça, com uma grande fissura no lugar em que deveriam ficar seus órgãos. O artista cria fissuras em lugares que deveriam estar preenchidos, sugerindo um vazio que constitui esses seres. Mas também cria espaços dentro de outros espaços, desenha aberturas que se voltam para dentro, sugerindo que seus embruxados estão fechados em si mesmos, perdidos, com um vazio que talvez seja provocado pela impossibilidade de alcançar o outro. Essa dificuldade de se relacionar com o outro também é indicada pela textura que se encontra no contorno dos ossos das criaturas, no tronco humano aberto, que dá uma sensação de rasgo aos corpos esqueléticos. No chão, que está rachado pela descida desses seres para debaixo da terra. Esses rasgos, as fissuras, a dureza e deformidade dos ossos, apontam para um ser difícil de ser preenchido, íngreme tanto para o outro quanto para si mesmo. Uma criatura que não pode ser abarcada em sua plenitude, ainda um mistério para si mesma, com partes que desconhece, talvez por isso, a deformidade, a descaracterização de suas formas.

Pensando a questão das cores e da iluminação, o desenho possui técnicas até simples. Os traços, as formas são feitos com lápis grafite e caneta nanquim. Em um jogo de luz e sombras, é possível identificar o valor tonal, uma escala de preto, cinza e branco que é utilizada na iluminação, variando entre cores escuras, médias e claras. São cores que não dão vida à imagem, mas que representam um limbo de incerteza, um tempo estático e privado de alegria.



---

Quando olhamos o conjunto desses elementos plásticos, percebemos o cuidado do artista em construir uma anatomia deformada, aguda e feroz que leva o espectador a ser atingido diretamente pela imagem, causando desconforto e inquietação.

### **3.2 Mensagem icônica**

Os motivos presentes no desenho permitem reconhecer o tronco, a cabeça e o corpo humano. O corpo que sustenta a cabeça é um corpo magro, com as pernas finas e muito juntas, com um ar andrógino, sem se demorar em características masculinas ou femininas, o que leva a pensar que a mensagem presente na imagem não se refere a um gênero específico, mas ao ser humano em sua complexidade. A postura do corpo é de cansaço, seus lábios formam uma linha para baixo, como uma letra “m” triste. Sua cabeça pontiaguda tomba para o lado, os braços para o alto, pois o corpo magérrimo sustenta um peso intenso e desconfortável.

Nota-se que o corpo criado por Susano Correia dialoga com a concepção psicanalítica de corpo. De acordo com Lazzarini e Viana (2006, p. 243), o corpo psicanalítico é marcado pelo desejo inconsciente, sexual, é atravessado pela linguagem e não pode ser definido somente pelo conceito de organismo ou pelo conceito puro de somático, sendo possível afirmar não que o sujeito tem um corpo, “mas que o sujeito é um corpo, pois se está falando de algo que é uno na subjetividade e na corporeidade, uma articulação singular”. Segundo Correia (2016), nos seus embruxados, o corpo é a plataforma, a metáfora, pretendendo transbordar elementos contidos no “estar” para o “ser”. Fazendo da impossibilidade de dissociação entre ser e estar “um elemento que confunde questões psicológicas e materiais”. Desse modo, o corpo representado pelo artista é um corpo desestruturado, agudo, vazio, indicando que a subjetividade que emerge desse corpo está em desalinho, em um sofrimento intenso. Algo que pode ser visto na expressão e na postura do embruxado que sustenta a grande cabeça.

É dentro da cabeça, no interior do crânio, que se encontra o cérebro humano, o responsável pela nossa capacidade de pensar, de falar, de interpretar as informações que recebemos (GIL; FANIZZI, 2008). No desenho de Susano, vemos uma cabeça de tamanho excessivo, com uma abertura para dentro que está tumultuada por embruxados que nunca olham diretamente para o espectador. Essa grande cabeça, com uma face em agonia, pode muito bem representar a mente daquele que a sustenta, pois nenhum dos

---

pequenos embruxados que ocupam o lugar do cérebro esboça algum tipo de sorriso, mas faces que dão a sensação de estarem perdidas, melancólicas, apáticas, o que pode tanto significar uma mente já cansada e superpovoada por pensamentos incessantes, que não param de circular, quanto por pessoas que fazem parte do seu entorno cotidiano e as pressões que geram nesse ser, possibilitando outro fluxo de pensamentos.

Ainda que essa cabeça esteja ocupada por ruídos, pensamentos, por outros embruxados, sua face representa um vazio onde não é possível ver nada além de abismos escuros e uma boca escancarada em agonia demonstrando uma perturbação tão pungente que causa espanto, incômodo. Enquanto seu tronco também se transfigura em um vazio sem órgãos, sendo engolido pela terra, como que desaparecendo diante de um vazio existencial. Segundo Simili e Fonseca (2016, p. 5), aproveitando os conceitos de Maurilton Morais, podemos compreender o vazio existencial como um sentimento específico “que se apresenta no ser humano quando se encontram sem rumo interior e sem identidade, falta-lhe aquele ‘Eu sou Eu’. A ausência de autovalorização, autoestima e confiança, são intensas e o homem vazio, torna-se maçante, monótono, sem desejos, sem objetivos, sem vida interior”. Pelos motivos reconhecíveis no desenho vemos que não há expressão de autoestima ou confiança nos embruxados, apenas corpos sem vida interior, rostos que olham para o nada, perdidos em uma apatia intensa.

Aqui, o vazio não parece surgir da falta, mas se relaciona com o excesso. Através da análise dos signos plásticos inferimos que suas formas agudas dizem respeito a uma tensão, a um excesso de sentimentos, indicando um ser íngreme que mesmo ocupado por estímulos exteriores, por outros ao seu redor, ainda sofre isolado em si mesmo. O artista não nos diz exatamente como surge esse vazio, mas quando recorremos ao contexto sociocultural em que a imagem está inserida e onde é veiculada, torna-se possível fazer algumas observações.

Para Han (2017) a sociedade contemporânea é uma sociedade do desempenho, regida pelo verbo modal “*poder-poder*”. Nessa sociedade hiperativa, hiperprodutiva e hipercomunicativa o corpo humano nunca se encontra em repouso, mas sofre uma série de estímulos incessantes, sendo a todo momento bombardeado por um excesso de informações e imagens, havendo uma necessidade constante por transparência, com tudo aquilo que repousa em si mesmo, que demora em si mesmo, perde o valor, só tendo valor aquilo que pode ser exposto, consumido. “Assim, a coação por exposição gera uma coação por beleza e por *fitness*” (p. 34, grifo do autor).

De forma que a face representada por Correia é uma face que não é mostrada nas redes sociais, um lugar de bolhas privadas, uma zona de conforto na qual temos acesso apenas ao igual, aquilo que condiz com nossas crenças e desejos. O lugar onde se prolifera a imagem transparente, rasa, que não exige contemplação, a imagem pornográfica, do contato imediato com o olho. A face presente no desenho, pode indicar até mesmo uma consequência dessa sociedade de desempenho e exposição excessiva em espaços digitais que, segundo Han (2017, p. 57), “esvazia o rosto e o transforma em lugar *pré-expressivo*” (grifo do autor), produzindo corpos esvaziados de qualquer expressão profunda, num tempo “sem perfume”, em que o odor das coisas é aniquilado, faltando “narratividade de espaço e tempo”.

Nesse mundo digital em que vivemos, esvaziados de “toda e qualquer narratividade”, a experiência dá lugar à vivência: “nas experiências, encontramos o *outro*; mas nas vivências, ao contrário, sempre encontramos a *nós mesmos*” (HAN, 2017, p. 84, grifo do autor). De tal modo que perdidos em nosso egos, não sabemos lidar com o sofrimento, com a dor, com sentimentos negativos, podendo até estranhar as figuras dolorosas e melancólicas de Susano Correia. Contudo, esse estranhamento acaba se transformando em identificação.

Ao ilustrar motivos reconhecíveis em seu desenho, corpos que representam sentimentos de melancolia, vazio, sentimentos profundos que povoam o interior humano, universais, a imagem de Correia consegue capturar o olhar do espectador ao ver representado aquilo que está oculto. Assim, a subjetividade contida nos sentimentos representados serve para que seus espectadores olhem para dentro de si, tendo o seu espaço interior atingido. Logo, o desenho de Correia desempenha o valor da imagem enquanto instrumento de conhecimento, “porque serve para ver o próprio mundo e interpretá-lo” (JOLY, 2005, p. 60). Como acredita Correia, ao tratar do papel do artista enquanto educador: “é na subjetividade que o artista deve chegar. O trabalho é significativo para que a subjetividade estabeleça suas relações” (MASCARENHAS, 2019, p. 54).

### 3.3 Mensagem linguística

A mensagem linguística do aforismo visual está na legenda “todos a bordo do meu vazio”. O desenho do artista leva a inúmeras interpretações e sentidos, é um desenho que

faz menção a psicanálise e a sentimentos muito subjetivos que partem de Susano para o espectador. De modo que o artista ao fazer uso da legenda, ancora o sentido da imagem, direcionando a interpretação. O artista já declarou que algumas pessoas não gostam do emprego da palavra, pensam que está explicando a imagem; para Correia ele está apenas “direcionando a análise da obra” (MASCARENHAS, 2019).

Em uma mídia dinâmica como o instagram, podemos considerar que o uso da legenda alcança mais pessoas, algo que Correia percebeu quando começou a pôr título em seus trabalhos. “A potência mimética do trabalho passou a repercutir de uma forma muito maior na internet. Os internautas começaram a compartilhar e a se identificar de uma forma nunca antes vista em meu trabalho” (MASCARENHAS, 2019, p. 50).

Através da legenda é possível confirmar o vazio percebido nos corpos dos embruxados. O vazio de um ser que convida outros a bordo, sugerindo que é um ser cercado de pessoas, mas vazio, levando a interpretações sobre um tempo de aceleração constante, em que o ser está cercado por gente, contudo, o seu mundo interior está ferido, doente, oco de sentido e existência. Como vimos através da análise dos signos icônicos, o vazio de um tempo onde o ser participa de uma vivência em um mundo digital, conectado a centenas, milhares de seguidores, de “amigos”, mas privado em si, sem compartilhar experiências comunicáveis.

De forma que o convite feito por Correia na legenda, chamando outros a subirem a bordo do seu vazio, também significa uma denúncia desse tempo em que evitamos qualquer ferimento, onde não mais nos encontramos com a experiência do outro. Portanto, ao usar a legenda, Susano concretiza sua intenção de fazer do desenho um aforismo visual, uma máxima filosófica, que de maneira semelhante ao movimento surrealista, quer, a partir da arte, refletir sobre o tempo presente, as solidões, os embruxamentos que nos tomam.

Ainda que utilize o pronome possessivo “meu”, a obra de Susano consegue atingir o outro. O que seria apenas uma representação narcísica, uma vez que, Susano ainda está falando do seu eu, do seu próprio vazio, se transforma em algo mais. É justamente essa qualidade subjetiva, de representar sentimentos comuns da existência humana e dar um sentido específico a esses sentimentos através da palavra, que permite uma compreensão maior do que está representado na imagem e que ela ganhe um caráter dialógico.

De acordo com Jack Brandão, a partir do momento que o artista insere uma palavra junto à imagem, “esta passa a ser verdade e, por mais mentirosa que seja, a imagem vira

verdade” (MASCARENHAS, 2019, p. 50). Todavia, a palavra não esgota os sentidos e interpretações da imagem. Barthes (1984, p. 46) distinguiu dois elementos da fotografia. O primeiro elemento, chamado *studium*, diz respeito ao campo extenso das informações, é o “afeto-médio” que permite codificar as intenções do fotógrafo. O segundo elemento quebra, contraria o *studium*, é da ordem das associações subjetivas. Não buscamos esse elemento, “ele é que parte da cena, como uma flecha, e vem me transpassar”. “Essa ferida, essa picada, essa marca feita por um instrumento pontudo”, Barthes chamou *punctum*.

Segundo Han (2017), o *punctum* não causa prazer algum, mas ferimento, ataque, atingimento. “O *punctum* interrompe o contínuo de informações; mostra-se como um rasgo, como uma *fissura*” (p. 63, grifo do autor). É como se Han descrevesse o que a imagem de Correia causa àqueles que no conforto de seu *feed* se deparam com os embruxados que interrompem o fluxo de informações, atingindo em cheio o olhar, provocando desconforto, incômodo, exigindo que o espectador se demore um pouco mais e decifre o que está posto ali. Fica nítido que a legenda surge como uma forma de reflexão, mas essa reflexão só é possível a partir da imagem, a qual pode permanecer com o espectador por mais tempo, tornando-se a imagem do espectador, causando rasgos e fissuras, adquirindo possibilidades de descoberta interior que só o seu olhar é capaz de apreender. Como admite Correia, seus aforismos são máximas paradoxais, já que abrem mão de serem categóricos, em virtude das singularidades interpretativas (DIOGO, 2016).

#### 4. Considerações finais

Pensar a arte de Susano Correia é um universo inteiro de possibilidades. Desde inferirmos sobre a construção da subjetividade humana, o conceito de escrita de si e alteridade, a questão do corpo a partir da psicanálise, o universo das redes sociais, como também permite refletir sobre o tempo presente, as pressões da vida cotidiana, o adoecimento psíquico em uma sociedade individualista e capitalista. Assim, compreendemos que o aforismo visual de Susano Correia leva a inúmeros lugares e interpretações que não se esgotam aqui.

O que tentamos fazer, foi apenas trazer um pincelamento sobre a obra desse artista, possibilitando inferir que seu trabalho aponta para um vazio existencial que dialoga de maneira expressiva com o tempo em que vivemos, onde os indivíduos, imersos em uma atmosfera de desempenho e consumo exacerbado, de exposição em rede digital, estão

sujeitos a estímulos diversos, sofrendo com a falta de sentido interior, “evidenciando um sofrimento que é da ordem do psíquico, mas que é também da ordem do corpo” (LAZZARINI; VIANA, 2006, p. 248). Ao representar esse vazio, numa tentativa de reflexão filosófica, Correia acaba promovendo uma abertura para dentro, para o interior humano.

A arte de Susano Correia surge como uma forma de interrupção, de diminuição do ritmo frenético das imagens e informações. Suscitando um outro tipo de vazio, um que permita ao espectador esvaziar-se do excesso de estímulos que o toma, do excesso de transparência, positividade, para contemplar. A fragilidade representada em seu desenho desencadeia uma contemplação dos sentimentos negativos, “uma reflexão, um reconsiderar, um repensar” (HAN, 2017, p. 35) do vazio que nos toma. Mostrando que em tempos de transparência, do excesso de imagens positivas, faz-se necessário pensar como está o nosso mundo interior, as feridas inconscientes. Essa é a beleza do aforismo visual de Susano Correia, pois, ainda que trágico, é profundo, toca e faz refletir.

## REFERÊNCIAS

AUMONT, Jacques. **A imagem**. São Paulo: Papyrus Editora, 1995.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BORGES, Raquel Czarneski. **Triunfo do irreal: arte, loucura, surrealismo e a experiência de Cícero Dias (1920-1930)**. Recife: UFPE, 2017.

CORREIA, Susano. Quais minhas referências. **Blog Notas Visuais**. Disponível em: <https://www.notasvisuais.com/2016/03/quais-minhas-referencias.html>. Acesso em: 5 set. 2020.

CORREIA, Susano. O início dos Embruxados (parte 2). **Blog Notas Visuais**. Disponível em: <https://www.notasvisuais.com/2016/04/o-inicio-dos-embruxados-parte-2.html>. Acesso em: 5 set. 2020.

CORREIA, Susano. O corpo embruxado – introdução. **Blog Notas Visuais**. Disponível em: <https://www.notasvisuais.com/2016/04/o-corpo-embruxado-introducao.html>. Acesso em: 5 set. 2020.

DIOGO, Marciano. Exposição “Embruxados” traz desenhos e pinturas de Susano Correia para Fundação Hassis. **Jornal digital ND MAIS**. Disponível em: <https://ndmais.com.br/entretenimento/exposicao-ldquo-embruxados-rdquo-traz-desenhos-e-pinturas-de-susano-correia-para-fundacao-hassis/>. Acesso em: 5 dez. 2019.

GARCEZ, Marina; RUDGE, Ana Maria. Arte e Psicanálise: uma possível interseção com o surrealismo. **PUC-Rio**, Departamento de Psicologia, 2010.

---

GIL, Ângela Bernardes de Andrade; FANIZZI, Sueli. **Porta aberta: ciências, 5º ano**. São Paulo: Editora FTD, 2008.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. São Paulo: Papyrus Editora, 2005.

LAZZARINI, Eliana Rigotto; VIANA, Terezinha de Camargo. O corpo em psicanálise. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, maio-ago. 2006, vol. 22 n. 2, p. 241-250.

MASCARENHAS, Mariana da Cruz. As inquietações humanas transformadas em arte. **Lumen et virtus: revista interdisciplinar de cultura e imagem**, v. X, n. 24, p. 47-60, mar., 2019. Disponível em: [https://www.jackbran.com.br/lumen\\_et\\_virtus/numero\\_24/entrevistas\\_susanocorreia.html](https://www.jackbran.com.br/lumen_et_virtus/numero_24/entrevistas_susanocorreia.html). Acesso em: 5 dez. 2019.

PARA FICAR de olho: inspirado em Franklin Cascaes, Susano Correia prepara mostra e livro Embruxados. **Redação NSC Total**. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/para-ficar-de-olho-inspirado-em-franklin-cascaes-susano-correia-prepara-mostra-e-livro>. Acesso em: 6 set. 2020.

ROSSI, Cláudio. Arte e psicanálise na construção do humano. **Revista Ciência e Cultura**, v. 61, n.2, p. 25-27, São Paulo, 2009.

SIMILI, Elizabeti Cristina Pires Fernandes; FONSECA, Bárbara Cristina Rodrigues. O vazio existencial na sociedade consumista contemporânea: uma revisão teórica. **Revista Científica Eletrônica de Psicologia da FAEF**, 27ª edição, nov. 2016, p. 1-14.